



Volume I
tomo 1

O B R A S C O M P L E T A S

Augusto César Esteves

Recolha e Introdução > Armando Malheiro da Silva | Joaquim Rocha

Colecção:
Obras Completas: Augusto César Esteves

Título
Nas páginas do *Notícias de Melgaço*

Recolha e Apresentação
Armando Malheiro da Silva
Joaquim Rocha

Edição
Câmara Municipal de Melgaço

Capa
Xis77 - Imagem e comunicação

Data e Local de Edição
Viana do Castelo, 2003 Agosto 9

Execução Gráfica
Gráfica Casa dos Rapazes - Viana do Castelo

Tiragem: 1.000 exemplares

Depósito Legal
199522/03

ISBN
972-98755-5-3

AUGUSTO CÉSAR ESTEVES

— O HOMEM, A VIDA, A OBRA...

O real serve-nos apenas para construir melhor ou pior, um pouco de ideal. Talvez não seja útil para nada mais.

Anatole FRANCE — *Le Jardin d'Epicure*

1. Um português de Melgaço ou o enorme peso das raízes

Escrever sobre uma pessoa é fácil ou difícil conforme as perspectivas, os elementos biográficos que tivermos ao nosso dispor, a distância no tempo, a nuvem que o encobriu depois da sua morte, o manto mitológico que se distendeu sobre a sua figura.

Quanto a Augusto César Esteves poder-se-á afirmar, sem grande margem de erro, que para a maioria dos melgacenses ainda vivos, com menos de cinquenta anos de idade, ele não existiu. Nem uma praça, uma rua, nem sequer um beco ou uma travessa, lembravam até 9 de Agosto de 2003 (data em que se fez finalmente justiça) o seu nome, a sua obra, a sua passagem pelo mundo! Atribuir culpas a este ou àquele, dizer que foi esquecido de propósito, seja pelos políticos, seja pelos críticos, isso seria fugir à verdade, menosprezar o tempo e os interesses individuais e colectivos que estão na origem de tal fenómeno.

Quando Augusto Esteves morreu em 1964 já o concelho de Melgaço estava a sofrer uma transformação profunda, uma metamorfose sem paralelo na sua história. E por quê? Porque em 1961 começou a guerra colonial em várias frentes e os jovens começaram a debandar, tal como sucedeu em todo o país de norte a sul. Os mais novos não estavam preparados ideológica, nem psicologicamente, apesar de toda a doutrinação salazarista, para morrer nas matas africanas. Voltaram-se, por isso, para a França, para a Alemanha, para o Luxemburgo, a Suíça... Alguns anos mais tarde casaram, levaram as esposas, os sogros, os cunhados, toda a gente. O concelho ficou sem imensa gente! A elite, se é que se pode chamar elite a um pequeno grupo de pessoas letradas: o

padre, o juiz, o advogado, o notário, o delegado do Procurador da República, o professor do ensino primário, um ou outro comerciante mais culto - foi a pouco e pouco deixando este vale de lágrimas, e os mais novos nem sequer tomaram conhecimento de que existiu na vila um homem que dedicou parte do seu tempo a escrever sobre a sua terra natal. Um homem que nasceu, viveu e morreu cercado e seduzido por suas raízes.

Antes dele ninguém escrevera nada que se visse sobre Melgaço. Os padres escreviam os assentos de baptismo, de casamento e de óbito, talvez um ou outro sermão para apresentarem na missa, mas crónica, história, estudos genealógicos... nada! Claro que algo se escreveu nos jornais que foram surgindo em Melgaço a partir de 1887, mas os artigos de jornal duravam pouco tempo, eram logo devorados pelo esquecimento, e por incrível que isso pareça, nunca houve uma Câmara, um Pelouro da Cultura que apoiasse a colecta e edição daqueles textos em livro! Tudo, ou quase tudo se perdeu! Restam alguns números na Biblioteca Nacional de Lisboa, a desfazerem-se em pó.

Estamos a falar de Augusto César Esteves. Mas, afinal, quem foi ele?

Nasceu na Rua Nova de Melo, fora das muralhas da vila de Melgaço, onde outrora existira um forte, a 19 de Setembro de 1889 *no quarto por cima dos escudos*, com apenas sete meses de gestação. Nessa rua, então moderna, tinha seu pai, Francisco António Esteves, mais conhecido por *o brasileiro* — pelo simples facto de ter sido emigrante no Brasil — comprado a casa do médico Dr. João Luís Sousa Palhares, e que não deve ter sido nada barata, pois ainda hoje se pode considerar uma boa habitação. Ficava pertinho do Hospital da Misericórdia. A sua mãe, prima do pai, chamava-se Belarmina Cândida e era filha de Manuel José Esteves (mais conhecido por *Melgaço*), emigrante no Brasil, e de Maria Rita Alves.

Augusto Esteves foi filho único de sua mãe, falecida no mesmo ano — a 17 de Outubro de 1889 — em que ele viu a luz do sol. Teve, por isso, que ser amamentado pela *Cândida Corujeiras*, que também nesse ano dera à luz uma menina, a Idália, e o leite não faltava em seus peitos. Bebiana Cândida salvou-lhe a vida, mas depois o enganado ia-lha levando: desta vez foi o *Manuel Zoia* quem o salvou com as suas mezinhas (baseadas no trovisco e em outras ervas) perante a descrença e desânimo dos médicos que o viram.

Seu pai nunca mais se casou. Viveu, porém, maritalmente com Teresa Rodrigues, de Paderne, filha de Manuel Boaventura Rodrigues e de Carolina de Jesus Costa Pinto, tendo nascido dessa relação Anésia, António Cândido (o futuro médico Esteves) entre outros. E Francisco António Esteves teve ainda geração de Lucrecia das Dores Gomes de Sousa. Assim, Augusto César Esteves,

apesar de ser orfão de mãe, teve quatro ou cinco irmãos (os filhos de D. Teresa Rodrigues) reconhecidos pelo progenitor.

No ano de 1889, quando Augusto Esteves nasceu, era Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Baltazar Luís de Araújo de Azevedo, e o Vice-Presidente era José Joaquim Alves de Magalhães — figuras de topo em finais do século XIX, ignoradas em nossos dias. No ano seguinte — 1890 — seria Presidente da edilidade José Cândido Gomes de Abreu, negociante e fundador do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Augusto Esteves logo que começou a abrir os olhos para a vida, o que viu? Qual Buda viu crianças expostas, viu a miséria de caseiros e jornaleiros, viu criadas de servir com filhos nos braços, a maior parte rebentos dos patrões, viu gente a morar em casas minúsculas, tugúrios inóspitos e horríveis — enfim, viu uma feira de vergonhas, de situações aberrantes e indignas do ser humano. Ele viu tudo isto, porque como o próprio deixou dito: *cresci (...) ao ar livre*. E à medida que foi crescendo afastou-se paulatinamente do modelo: viu, tornou a ver, mas seguiu outros caminhos.

As primeiras letras aprendeu-as com o P.e João Nepomuceno Vaz, sacerdote e professor do ensino primário, doutrinador exímio, um verdadeiro Santo Agostinho em miniatura. Frequentou também a Escola de D. Maria Augusta de Passos Brito, professora oficial da instrução primária, nascida em Monserrate, Viana do Castelo, e casada em Melgaço com o proprietário Manuel José da Costa, de São Paio. Augusto César convenceu-se de que com ela perdera ingloriamente o seu tempo.

Conviveu muito com seu pai, que o levava a passar serões na Loja Nova e aí se entreteve com os jovens caixeiros, enquanto os adultos falavam de lavoura, de política, de câmbios, de fortunas e azares em terras longínquas, etc.

De Melgaço a Braga é um passo de anão e para lá seguiu em 1899, tendo-se matriculado na segunda classe do Colégio do Espírito Santo. Da cidade dos Arcebispos partiu para Coimbra, onde se graduou bacharel em Direito no ano de 1912.

Ainda jovem teve uma ideia oportuna e generosa: dotar Melgaço de uma corporação de Bombeiros Voluntários. A seu lado, no dia 15 de Maio de 1926, no salão nobre da Assembleia *Recreio Melgacense*, estiveram os notáveis da terra: Dr. Américo de Freitas Coutinho Maltez, juiz de direito na comarca de Melgaço, Dr. Armando António Barbosa, delegado do Procurador da República, Ernesto Viriato Passos Ferreira da Silva, Hermenegildo José Solheiro, Dr. Joaquim de Barros Durães, Dr. Augusto César Ribeiro Lima, Dr. António Francisco de Sousa Araújo, Dr. António Cândido Esteves, médico, Abel José Nogueira Dantas,

professor, José Pires Louro de Oliveira, tenente, António Joaquim Esteves, Germano Alves *Carabel*, Duarte Augusto de Magalhães, Manuel José da Costa, padre António Manuel da Cunha e Raul Solheiro Esteves. Todos aplaudiram a excelente ideia e assim nasceram os Bombeiros Voluntários de Melgaço. O primeiro tesoureiro foi precisamente Augusto César Esteves. A Associação foi inaugurada a 14 de Abril de 1929, servindo de madrinha de baptismo do material de incêndios a menina Iracema Mendes de Araújo. Teve como 1º comandante Herculano Arsénio Gomes Pinheiro; 2º comandante Abílio Domingues; e chefe da Banda de Música Manuel Rodrigues de Moraes, que fora até aí regente da Filarmónica *Música Nova*, e que veio a dar que falar por ter conseguido transformar a Banda de Música numa das melhores do Alto Minho.

Augusto Esteves passou alguns anos na contígua vila e termo de Monção, onde exerceu o ofício de advogado e de notário. Transferiu-se depois para o Tribunal Judicial de sua terra natal assumindo funções de Secretário e veio também a acumular cargo de ajudante do conservador do Registo Predial.

Na sua amada terrinha foi homem activo politicamente durante a I República (1910-1926): administrou o concelho durante algum tempo, presidiu meteoricamente à Câmara Municipal de Melgaço, foi tesoureiro e provedor da Santa Casa da Misericórdia. Interveio sempre que pôde nos assuntos do concelho, mas com o advento primeiro da Ditadura Nacional (1926-1933) e depois do Estado Novo salazarista (1933-1974) a sua voz e a sua acção tiveram de ser refreadas, pois as consequências de palavras “mal” ditas reflectir-se-iam inevitavelmente no seu emprego. Perdido este, teria de deixar Melgaço e isso ele não queria de forma alguma. Amava o torrão natal como poucos e era aí que queria pssar a sua vida. Inteligente e hábil, soube sempre dosear a sua intervenção, de maneira a não ferir as susceptibilidades daqueles que tinham força e poder, os quais o poderiam prejudicar seriamente. Por vezes até os gabava, louvando a sua “obra”! Aos outros, embora salazaristas, atirava amiúde as suas setas, embebidas em suave veneno, com uma ironia à Eça de Queirós, sabendo de antemão que daí não adviriam represálias, apenas comentários mais ou menos felinos, mas cem por cento inócuos.

Ideologicamente era republicano e democrata, mas não socialista e muito menos afecto ao comunismo, não poupando ataques ao regime soviético. Não idealizava igualdades, contudo detestava ver o povo na miséria. Não era um aristocrata, mas o seu lado burguês impelia-o ao convívio com os “grandes”. Pregava e adoptava uma postura humilde e tolerante, mas quando alguém, por maldade, lhe lembrou que a sua esposa nascera de mãe solteira, embora

fosse perfilhada posteriormente pelo pai, irritou-se, ferido no seu orgulho, tomando a afronta como grave questão de honra. Era acima de tudo humano com suas contradições, defeitos e virtudes.

Casou no ano de 1914 com Esmeralda Esteves e enviuvou em Dezembro de 1956. Não se pode afirmar que o seu casamento foi infeliz, pelo contrário. Tudo nos leva a supor que o casal viveu em harmonia e felicidade. Porém, essa felicidade foi ensombrada pela morte prematura da filha, Belarmina Cândida, nascida em 1915 e falecida a 10 de Setembro de 1936, solteira e sem geração. O filho, Henrique César, nascido em 1917, fez alguns estudos, poucos, empregou-se no Grémio da Lavoura, e aí permaneceu até à aposentação, com magro salário, mantendo-se completamente à margem dos interesses políticos e culturais do progenitor. Casou, já em madura idade, com D. Clementina Rosa e tal como sua irmã também não deixou geração.

Não tendo quem lhe continuasse o trabalho e a estirpe, Augusto Esteves foi-se refugiando cada vez mais em sua obra. Aí vingou. Nela investiu todo o seu saber, o seu amor pela terra, os seus tempos livres, tirando partido do fácil acesso aos documentos em posse de famílias melgacenses e, sobretudo, desempoeirando todos os velhos papéis jazentes sob o efeito letal da indiferença nas Conservatórias, Câmara Municipal, Tribunal, Confrarias, Paróquias, Misericórdia... Abdicou de prazeres mundanos, de descansos merecidos e embrenhou-se na história de Melgaço, tentando dar aos seus conterrâneos uma visão de conjunto, enaltecendo os feitos dos antepassados, enquadrando-os no todo nacional, pesquisando em alguns importantes arquivos públicos do país (Braga, Coimbra e Lisboa), tudo à sua custa, sem subsídios, sem ajudas. Hermenegildo José Solheiro, aquando da sua passagem pela cadeira do poder local (1926-1931), quis dar-lhe algum dinheiro da Câmara Municipal para custear suas investigações, mas Augusto César Esteves, sabendo que os cofres da edilidade andavam quase vazios, não aceitou tal dádiva.

Não era um profissional da investigação histórica, mas um apaixonado pela história da sua terra e nessa condição conseguiu transpor dificuldades e desânimos deixando um testemunho variado, desigual e meritório, que deve estar acessível, em primeira mão, a todos quantos, se orgulhem, como ele se orgulhou, de serem portugueses de Melgaço.

2. A escrita ao serviço da identidade local e nacional

Esse testemunho merece toda a nossa atenção e engloba parcelas importantes da sua actividade como melgacense preocupado com a sua terra e

o seu país, como cidadão politizado e decidido a uma intervenção pública constante, como jurista e como eterno e incansável aprendiz de historiador e monografista local.

Membro da geração do primeiro decénio de novecentos, interventiva como se infere, por exemplo, da greve académica de 1907, e influenciada, à semelhança de algumas gerações anteriores, pelo romantismo, pelo naturalismo literário, pelo positivismo (Ordem e Progresso), pelo socialismo utópico e pelo republicanismo, Augusto César Esteves não destoou do quadro geral em que podemos inseri-lo. Quer como jurista, quer como intelectual e cidadão politizado reflectiu as preocupações sócio-políticas do seu tempo e acompanhou as sucessivas tendências e alterações mundiais com espírito simultaneamente crítico e atento. Mas fez isto tudo, saindo o mínimo possível de Melgaço e este traço merece destaque porque em certa medida proporcionou que, a partir sobretudo da década de quarenta, intensificasse a recolha de informação histórica e trabalhasse o caudal crescente de dados a fim de firmar créditos como o único monografista sistemático do seu concelho natal.

A passagem por Braga e sobretudo por Coimbra, num período crítico de viragem político-institucional — a instauração da República de 1910 —, foi importante para a sua postura ideo-política e para o seu perfil de intelectual progressivamente seduzido e embrenhado nos estudos históricos (desde o período medieval até ao séc. XIX). Militou no Partido Republicano Português/ Partido Democrático (1911-1926) liderado por Afonso Costa e após 1919 pelo Eng. António Maria da Silva, embora não tenhamos ainda podido colher na imprensa regional vestígios claros desse seu militantismo partidário, vindo depois a situar-se na barricada dos que opondo-se ao Estado Novo não podiam hostilizá-lo se queriam continuar com o emprego público e a residir onde desejavam. Em contrapartida, é mais fácil compreender e explicar as linhas de força que orientaram o publicista e o historiador amador de Melgaço.

Temos mais de um milhar de páginas escritas em que estas facetas complementares se derramam e evidenciam. Merece, aliás, destaque a dedicatória à sua mulher com que abre o primeiro livro impresso: *Esmeralda / Porque nem tu receias a linda rival, nem eu temo se aniche no teu peito o ciúme provocado por esta amante, para mim tão cara e tão feiticeira, avalia tu própria os meus novos amores, lendo com atenção estas páginas ligeiras, escritas quase todas a teu lado. / Para isso t'as ofereço e, confiadamente, as deponho no teu regaço, beijando-te a mão. / Teu / Augusto*¹. E logo a seguir, sob o título

¹ Cf. ESTEVES, Augusto César — *Melgaço e as invasões francesas, 1807-1814*. Melgaço: Tipografia Melgacense, 1952.

Conversemos, deixou gravados os propósitos que o levaram a escrever, anos antes, os artigos sobre história local nas páginas do jornal Notícias de Melgaço destinadas aos seus patrícios: Mas como o Autor não aspira à imortalidade apetecida pelo historiador ou pelo purista da língua, pois se contenta com as honras de pequeno cabouqueiro da história local, votado a carrear elementos, para outros, mais tarde, encontrarem desbravado terreno por ele achado, há muitos anos, sáfaro e ingrato, inicia-se mesmo assim a publicação de Melgaço e as Invasões Francesas².

Os valores republicanos que perfilhou — um exacerbado nacionalismo e patriotismo de matiz regionalista, um claro apego à liberdade, à democracia e à justiça social e uma indelével intransigência moral — emergem claramente da sua prosa de publicista e da pena do publicista saíram a “tinta” e as cores políticas e ideológicas mescladas, sempre, com a defesa intrépida dos interesses locais. Significa isto que o político, o ex-militante republicano e o cidadão zeloso de seus direitos e dos seus conterrâneos perpassa nas páginas históricas tecidas num estilo com concessões frequentes ao subjectivismo literário e ao constante remoque moralista, social e político. Não é, assim, possível separar o publicista do monografista, mas é deste que nos temos de ocupar porque ele se agigantou e deixou obra. Uma obra impressa nas folhas do *Notícias de Melgaço*, órgão e voz de uma mescla de juristas, de professores, de funcionários públicos e de negociantes bem sucedidos conotados com posições e sobretudo com interesses contrários aos defendidos e representados pelos Padres Vaz e seus amigos na *Voz de Melgaço*, que ainda hoje se publica.

Num oportuno artigo intitulado *Os Lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX português*³, Augusto Santos Silva começa por tentar explicar os factores que motivaram o interesse pelos estudos locais no Portugal oitocentista, apontando de um lado a *tradição da memória e do levantamento histórico, corográfico e administrativo do território, cujas raízes podem ser remontadas a Quinhentos, mas se afirma sobretudo no fim do Antigo Regime*; do outro, a *mudança cultural e doutrinária trazida pela primeira geração romântica no modo de ver, interpretar e identificar a Nação, essa nova realidade em formação, pelo cruzamento da tradição histórica e da*

² Cf. *Ibidem*.

³ Cf. SILVA, Augusto Santos — Os lugares vistos de dentro: estudos e estudiosos locais do século XIX português. *Revista Lusitana*. Lisboa, nova série, 13-14 (1995) p. 69-95. Em complemento a este estudo veja-se SILVA, Armando B. Malheiro da — O Minho nas monografias (sécs. XIX-XX): notas para uma revisão sistemática dos estudos locais. *Bracara Augusta*, Braga, vol. 43, 94-95, 107-108 (1991-1992) p. 27-96.

sociedade liberal; e, por último, a acção específica do Estado constitucional e, em particular, a construção do quadro político, administrativo e social pós-absolutista⁴. É sabido, porém, que estes factores não se impuseram imediata e solidamente. Foi preciso esperar pelo amadurecimento de condições estruturais e conjunturais para que irrompesse o clima intelectual e ideológico *no qual se formará uma nova fileira de conhecimentos — os estudos locais e regionais — um novo perfil técnico e intelectual — o erudito ou estudioso local — e uma nova legitimação e racionalização da pesquisa sobre o País — o bairrismo ou “amor da terra” própria*⁵. E o autor que estamos a citar oferece-nos de seguida uma visão panorâmica através da qual “arruma” a produção monográfica, anterior às duas últimas décadas do séc. XIX, em três grupos: o primeiro descende directamente das tradicionais pesquisas corográficas, topográficas e estatísticas⁶; o segundo inclui textos de *diversa intencionalidade e natureza, que não assumem a forma de estudos, em sentido estrito, mas consideram e destacam factos e atributos reputados característicos de espaços sociais locais ou regionais*⁷; e o terceiro engloba o interesse da erudição e da análise propriamente dita concretizada na história local, uma história lacunar e parcelar; que se justifica e engrandece, porém, *como propósito de fixação e difusão pública, de arquivo, de inscrição na memória de factos, feitos, figuras e patrimónios, para testemunho dos presentes e benefício da posteridade. Os livros intitulam-se, em consonância, esboços, memoriais, compêndios de notícias, apontamentos, subsídios, etc., perseguem sobretudo fins morais e cívicos (...). Quando procura maior fôlego e efeito, o estudioso pode aproximar-se do registo para-literário*⁸.

Filia-se neste terceiro grupo o modelo que haverá de projectar-se sobre quase todo o séc. XX e no qual se enquadra facilmente Augusto César Esteves e a sua obra, apesar de ter optado por “fragmentos” monográficos em vez de ousar a monografia integral num ou em vários volumes como aconteceu em muitos concelhos deste Portugal de norte a sul, de oeste a leste. Convém, por isso, que atentemos, à guisa de síntese final, nos traços principais do referido modelo condensados por Santos Silva de forma precisa e esclarecedora: *Desde logo, é um tipo próprio de intelectual e de intelectualidade que se afirma — e marcará a vida institucional e cultural local do nosso século XX. Pároco, literato, homem de leis, funcionário da administração, professor ou líder político, o*

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 70.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 70.

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 71.

⁷ Cf. *Ibidem*, p. 71.

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 73.

estudioso é uma figura cada vez mais presente no círculo intelectual que cada cidade ou vila da “Província” portuguesa pode gerar. Escolarizado ou autodidacta, amador ou semi-profissional da erudição, tornar-se-á um interlocutor incontornável das instituições políticas e administrativas e dos poderes municipais e uma espécie de garante e avalizador da apresentação pública de si que uma localidade pode forjar — a projecção e rentabilização pública do seu “carácter” singular. Depois, é toda uma retórica que tem aqui uma das suas bases e expressões principais. O bairrismo — que, em poucos casos, pode chegar a conceber-se como um regionalismo — é a representação-tipo das razões e finalidades do trabalho do estudioso. Amor e glória da terra, para usar os termos então mais frequentes. Eis o que define o empreendimento analítico, o que desculpa as suas falhas, o que gratifica o seu autor, o que singulariza e engrandece o lugar no conjunto dos lugares de que se faz a nossa história e a nossa identidade nacional⁹.

O estudioso Augusto César Esteves pertence indiscutivelmente ao perfil traçado e a sua escrita, imbuída de bairrismo, esteve sempre ao serviço da identidade e da singularidade do local dos seus afectos, das atenções e dos voluntarismos de benemérito — a criação dos Bombeiros Voluntários foi a mais saliente —, atingindo a partir daí, do singular, a afirmação da plenitude nacional. Não admira, por isso, que o aparo afiado que alinhava em folhas inteiras ou em linguados de trinta e cinco linhas textos de denúncia, de defesa, de pedagogia cívica, de elogio e de crítica viperina acolhidos no *Notícias*, alinhava também longas transcrições com abreviaturas e grafismo arcaico arrancadas ao empoeirado dos cartórios, dos arquivos e do olvido mais cruel, rabiscando, assim, a História desconhecida de Melgaço que quase ninguém antes dele, ressalvadas as notícias corográficas elaboradas desde o séc. XVIII, ousara desvendar. Dizemos quase ninguém, porque na lista incompleta de estudos monográficos sobre Melgaço que inserimos no levantamento feito em 1990-91 tínhamos referência ao opúsculo de Almeida Silvano intitulado *As Águas de Melgaço: notícia histórica e prática* (1896) com uma genérica contextualização corográfica e histórica do espaço termal. Mas este exemplo é pálido e insuficiente para sustentarmos a tese de estudos anteriores ao contributo de Augusto Esteves que, por sua vez, será o pioneiro e despoletador da produção monografista em que vão pontificar o P.e Manuel Bernardo Pintor; P.e Júlio Vaz e o Doutor José Marques a par de outros autores mais esporádicos¹⁰.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 86-87.

¹⁰ Cf. SILVA, Armando B. Malheiro da — O Minho nas monografias (sécs. XIX-XX): notas para uma revisão sistemática dos estudos locais, art. cit., p. 91-92.

Num estilo que articula o para-literário com o jargão jurídico de antanho e alfinetadas várias em tom ora jocoso, ora ofensivo, a concatenação de elementos e de citações colhidas tanto numa boa biblioteca erudita que acumulou ao longo dos anos e acabou, após a sua morte, por ser vendida, como em inúmeras centenas de folhas de documentos encontrados ao pé ou localizados em Arquivos Públicos nacionais e espanhóis, para onde dirigiu pedidos de transcrição e de ajuda paleográfica¹¹ — essa concatenação, dizíamos, não obedeceu a um plano muito sistemático como ficará patente já neste primeiro volume e nos seguintes, reservados, à excepção do último, para a reedição integral dos livros que publicou em vida. Postumamente, foi já possível editar a obra monumental que preparou com esmero e deixou pronta para impressão pouco antes de falecer. Referimo-nos ao *O Meu livro das gerações de Melgaço* (2 vols., 1989-1991). O plano desta obra surgiu naturalmente anunciado no seu jornal e, por isso, aparecerá adiante neste volume inaugural de um projecto editorial modesto, mas urgente e imprescindível ao aprofundamento dos estudos melgacenses que não se podem esgotar apenas na História em *strictu sensu* — a faceta em que o contributo de Augusto César Esteves mais se centra —, podendo e devendo abranger também a Etnografia, a Arqueologia, a Arquitectura Civil e Religiosa, etc.

3. Homenagem e desafio — o projecto editorial que tardava...

Pelas razões acima expressas tínhamos de principiar este projecto de (re)edição da Obra completa do Dr. Augusto César Esteves com a colecta de todos os artigos impressos nas páginas do *Notícias de Melgaço*. Daí o título inevitável que se impôs sem margem para hesitações ou alternativas. Mais complexa, ainda que perfeitamente superável, foi a classificação temática que fomos burilando a fim de agruparmos de forma coerente e próxima da lógica originária os múltiplos artigos que ao longo de mais de duas décadas tiveram espaço cativo nas colunas do dito periódico. Apesar da variedade temática e do empenho do autor em assuntos actuais e polémicos, é flagrante a destacada quantidade de artigos sobre história local, artigos esses que acabavam

¹¹ No Arquivo pessoal Augusto César Esteves em organização para depósito definitivo e acesso público há cópias e originais da troca epistolar que acompanhou o seu labor historiográfico. Este aspecto é interessante porque ajuda a compreender, por um lado, o cuidado de Augusto Esteves em trabalhar com documentação original, mas, por outro, as suas deficiências metodológicas e paleográficas, que são visíveis e virão a ser corrigidas sobretudo por Manuel Bernardo Pintor e pelo medievalista e reputado paleógrafo José Marques.

compilados em livro, como foi o caso, incluído neste primeiro volume, do opúsculo de 46 páginas editado em 1960 e intitulado *O Ensino da História de Melgaço na Escola Primária*.

Foi o que aconteceu com *Melgaço e as Invasões Francesas, 1807-1814* (1ª edição, 1950) e que será o próximo volume desta colecção.

Seguir-se-á Melgaço, Sentinela do Alto-Minho, editado em 1957 com uma primeira parte com um só volume, e uma segunda parte dividida em dois volumes. Manteremos a divisão dada pelo Autor, o que significa que esta obra será dada à estampa em três volumes.

No mesmo ano de 1957 foram reunidos em livro os artigos dedicados à *Santa Casa de Melgaço*.

O projecto encerra com um volume final em que incluímos textos de imprensa anteriores à fase do *Notícias de Melgaço*, artigos desta fase que por lapso já não puderam ser inseridos neste primeiro volume, apontamentos autógrafos e inéditos do Dr. Esteves e, ainda, críticas e comentários entretanto aparecidos e referentes a este projecto editorial.

Os projectos são para se cumprir e pela nossa parte fica, aqui, lavrada a promessa e o empenho de um cumprimento que agora começa. Esperamos dos leitores o que lhes cabe — tornar este exercício, que para nós foi de prazer e de satisfação ímpar num bem útil e partilhável pelo maior número possível. Bem hajam por isso.

Braga, Julho 2003-07-31

Armando Malheiro da Silva
Joaquim Rocha

ÍNDICES

TOMO I

INTERVENÇÃO CÍVICA E POLÍTICA

- Semana Santa em Agosto	11
- O apelo dos nossos bombeiros	12
- Largo Gomes de Abreu	13
- Alves Mendes (admirador das belezas de Melgaço)	14
- Aspirações de Fiães	17
- Rasgando um véu diáfano	17
- A fé remove montanhas	18
- 14 de Agosto (uma data mui famosa)	20
- Por agora, ainda não!	22
- Que Santa Maria da Porta te valha	24
- Que bons frutos colha	25
- Bombeiros voluntários	26
- Uma vergonha para Melgaço (o 1º centenário da criação da comarca judicial 24/10/1855-24/10/1955 recorre sem festejos comemorativos municipais)	27
- Um clima a combater e uma miopia a lamentar	34
- Melgacenses no estrangeiro	36
- Cumprindo um dever	38
- A festa concelhia	40
- A nova sede dos bombeiros voluntários	41
- A casa dos bombeiros	43
- No campo da assistência (as nossas necessidades)	44

- Mais uma carta (Sr. Abade de Fiães)	47
- As eleições no Grémio numa tarde serena (tudo a caminho da paz geral)	49
- Os meus votos, ontem; o meu agradecimento, hoje	50
- Cartas de Melgaço	51
- Cartas de Melgaço (as escolas de Melgaço e um hino malfadado)	52
- Cartas de Melgaço (as escolas da vila)	54
- Cartas de Melgaço (a botânica e as escolas)	56
- Cartas de Melgaço (a escola primária e o ensino da história local)	57
- Tudo à roda do Sr. Pinho	58
- Dr. Armando Barbosa	66
- A ponte do Pombal	67
- Que belo exemplo	68
- Coisas a propósito	68
- Velharias de Prado (uma residência paroquial)	69
- Emigração clandestina	71
- A luta do ultramar	71
- A festa do concelho	72
- Caminhos, outros caminhos	72
- O alvarinho	73
- Uma resposta pronta!	74
- Melgaço e os seus vinhos verdes I	76
- Melgaço e os seus vinhos verdes II	77
- Devagar que tenho pressa I	78
- Devagar que tenho pressa II	79
- Devagar que tenho pressa III	80
- Devagar que tenho pressa IV	82
- Vocação errada? Novos caminhos abertos I	83
- Vocação errada? Novos caminhos abertos II	85
- Vocação errada? Novos caminhos abertos III	86
- Vocação errada? Novos caminhos abertos IV	88
- Vocação errada? Novos caminhos abertos V	90
- Assistência clínico veterinária no concelho	91
- Respigos (uma achega para a história)	92
- A electrificação do concelho	95
- Posse	96

- Uma carta	97
- De olhos postos no dever	99
- A verdade	100
- Mais um desastre	102
- Pela Misericórdia I	103
- Pela Misericórdia II	104
- Batalhar numa frente honrosa	105
- Os Modestos	106
- Bombeiros voluntários	107
- Coisas desta vida	108
- A nossa Câmara	109
- ... que a lei é a mesma	109
- Glória a Deus e paz aos homens	111
- Passaportes falsificados	112
- Esta vinha do Senhor... e o hospital novo	112
- Mais um exemplo	115
- Ainda uma vez mais	116
- A L.L.	119
- Quem manda?	120
- Os nossos bombeiros	121
- Doutrina sempre oportuna	122
- A miséria-das azenhas	123
- Festas hoje? Não!	125
- A crise da lavoura	126
- Festas da Senhora da Orada	127
- A banda da música	128
- O grémio da lavoura em foco	130
- A Juncinha	132
- Um museu que falta entre nós	133
- Pelos BVM	134
- A revogação de mandatos	134
- Pelo distrito	135
- Não lhe toques Madalena!	135
- Os Fiéis de Deus em Melgaço	136
- Do pau da bandeira (portas do meio)	137
- O mutualismo em Melgaço	138

HISTÓRIA LOCAL

- Afonso I (1128-1185)	143
- Sancho I (1185-1211)	143
- Afonso II (1211-1223)	145
- Sancho II (1223-1248)	145
- Afonso III (1248-1279)	146
- Dinis I (1279-1325)	147
- Afonso IV (1325-1357)	147
- Pedro I (1357-1367)	148
- Fernando I (1367-1383)	148
- João I (1385-1433)	149
- Duarte I (1433-1438)	150
- Afonso V (1438-1481)	150
- João II (1481-1495)	151
- Manuel I (1495-1521)	151
- João III (1521-1557)	152
- Sebastião I (1557-1578)	154
- Filipe I (1580-1598)	154
- Filipe II (1598-1621)	154
- Filipe III (1621-1640)	155
- João IV (1640-1656)	155
- Afonso VI (1656-1683)	156
- Pedro II (1683-1706)	156
- João V (1706-1750)	157
- José I (1750-1776)	157
- Maria I (1776-1816)	158
- João VI (1816-1826)	159
- Pedro IV (1826-1828)	160
- Miguel I (1828-1834)	160
- Maria II (1834-1853)	162

GERAÇÕES MELGACENSES

- Coisas e Loisas (o estudo das nossas gerações)	165
- Coisas e Loisas (os Palhares do Cerdedo)	166

- Coisas e Loisas (o nosso maior viajante)	168
- Morgadio da Casa da Torre (o poeta António Feijó)	172
- A Casa da Azenha	213
- Tangendo-os para a trilha da verdade	215
- Na ceifa das mentiras I	220
- Na ceifa das mentiras II	224

MELGAÇO – TERRA DE SANTA MARIA

- 1º volume	229
- 2º volume (inacabado)	352

TOMO II

PATRIMÓNIO RELIGIOSO

- O convento de Nossa Senhora da Conceição (Carvalhiças)	363
- São Paio – A igreja matriz e as suas anexas	409
- Capela de Nossa Senhora da Orada	425
- Capela de Nossa Senhora da Pastoriza	438
- Capela de Santo António (Campo da Feira de Dentro)	454
- Capela da Senhora do Amparo	469
- Capela da Senhora da Graça (Eiró, Rouças)	479
- Capela de Santa Bárbara (Bouços, Prado)	507
- Capela de Nossa Senhora da Conceição (da Quinta, Chaviães)	514
- Capela de São Paio (Eira de Vilela)	423
- Capela da Senhora da Encarnação (Gondufe, Chaviães)	525

- Capela de São Mamede (Cavaleiros)	530
- Capela de São Benedito	538
- Capelinhas	540
- Ermida de São João Baptista (Quinta do Fecho, Rouças)	547
- Um oratório	550
- Cruzeiros	551

VIAGENS NO MEU JARDIM (Reflexões e Memórias)

- As minhas memórias	557
- O culto da flor	559
- As minhas cartas I	560
- As minhas cartas II	562
- As minhas cartas III	563
- As minhas cartas IV	564
- As minhas cartas V	566
- As minhas cartas VI	567
- As minhas cartas VII	569
- A Senhora da Peneda	570
- Falta o Pão? Come-se Bica (apostilas a um livro célebre)	572
- Vivem connosco os mortos	576
- Noutro rumo	579
- Um santo	581
- Um notável jornalista	586
- Cartas para o além	590
- Como preito de gratidão (adeus senhora)	591
- E assim vai o mundo	592
- Respigos (João XXIII e as grandes reformas da igreja)	593
- Os nossos amigos do além (Padre João N. Vaz)	596
- Um belíssimo exemplo	596
- Um político melgacense I	597
- Um político melgacense II	599
- Um político melgacense III	601
- Estava escrito	603
- Uma quadra de recolhimento	606
- Um centenário a comemorar (Trindade Coelho) I	608

- Um centenário a comemorar (Trindade Coelho) II	609
- Um centenário a comemorar (Trindade Coelho) III	611
- Um centenário a comemorar (Trindade Coelho) IV	613
- Até Lísis... dá lições	614

JORNALISMO E PUGNAS JORNALÍSTICAS

- Cartas para longe (para Pangim)	619
- Depondo perante todos	619
- Cartas para longe (Turquia)	621
- Mais um ano I	621
- Um aviso	623
- Mais um ano II	623
- Casa na praça? Comentários certos	624
- Onde está a verdade? (crítica suave a um artigo mau)	625
- Na linha do fogo (à sombra dos ciprestes)	631
- Abraços para Angola	634
- O caminho a andar	636
- Mais uma vez	637
- Frechas doiradas I	639
- Frechas doiradas II	640
- Frechas doiradas III	641
- Frechas doiradas IV	643
- Frechas doiradas V	644
- Frechas doiradas VI	645
- De ricochete	646
- Claro, senhores	648
- Uma lenda em «O Século»	649
- A Calçada (boa escola de civismo)	649
- Carta aberta ao Il.mo e Reverendíssimo Sr. Padre Júlio H. Vaz	657
- A bíblia em Melgaço	665
- Contrastes flagrantes I	668
- Contrastes flagrantes II	669
- Esta vinha do Senhor que tão filoxerada anda	670
- Nem assim	762
- Tolerância, apanágio das almas nobres	673

- Senhor Padre Carlos Vaz	675
- Nota da redacção	675
- A Aurora do Lima	675

NOTÍCIAS NECROLÓGICAS

- Dona Maria da Conceição Esteves	679
- Avelino Júlio Esteves	679
- Bento Fernandes Martins	681
- Um cartão de pêsames	682
- À sombra da cruz	683
- Antonino Arsénio	685
- Morreu um homem	686
- António Reis	689
- Um naufrágio célebre	690
- Dr. António José de Pinho Junior	692
- Sempre a morte	693

AUGUSTO CÉSAR ESTEVES TAMBÉM É NOTÍCIA

- Melgaço e as invasões francesas	697
- Escrivão das execuções fiscais	697
- Está à venda na Tipografia Melgacense «Melgaço e as Invasões Francesas»	698
- Organização Judicial de Melgaço	698
- Dr. Augusto Esteves I	698
- Dr. Augusto Esteves II	699
- Sem malícia	699
- Aviso	701
- Doente	701
- Necrologia	702
- Sit Tibi Terra Levis	703